OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte), m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem).....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

29.º Anno — XXIX Volume — N.º 976

10 DE FEVEREIRO DE 1906

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Typ. do Annuario Commercial—Calçada da Gloria, 5

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

S. M. O REI CHRISTIANO IX DA DINAMARCA

Chronica Occidental

Conhecem provavelmente o caso de aquelle marido, muito nervoso, a quem a mulher dava todos os dias ao almoço uma costeleta de carneiro e dois ovos fritos.

Era um muito bom almoço, não ha duvida; mas sempre ovos fritos, costeleta sempre! O homem já não podia.

Foi como n'aquella casa se começou embaciando o luar da lua de mel. A pobre mulher bem queria variar, mas não sabia; fazia calculos economicos, interrogava a cozinheira sobre as suas aptidões, consultava a vizinha do lado, suspirava afflicta, e resultado final: Costeleta e ovos.

A bomba estava a estalar; estalou, um dia. O homem furioso poz o chapéo na cabeça, com o ar resoluto d'um presidente de camara em dia de balburdia, e marchou para o restaurante.

— A lista!

E começou elle n'uma atrapalhação medonha: sopas, carnes, peixes, mariscos, desenjoativos, doces, fructas. — Tudo tinha seus contras. Consultou o criado que lhe aconselhou uma caldeirada de lulas com pimentos. Para conversarem com elle durante cinco horas na repartição! Já suava, já, na confusão da escolha, sentia as garras classicas, das grandes duvidas. Pensou, esfregou a testa, quiz inspirar-se olhando para o tecto. E disse por fim, resignado:

— Traze dois ovos fritos e uma costeleta de carneiro.

Os que temos de escrever chronicas, tambem assim ficamos ante os pratos que nos serve o noticiario. Ha que tempos nos enjôa a politica, e sempre de politica é que temos de falar! Fartos dos aromas d'este jardim á beira-mar, se nos lembramos de procurar outro fornecedor, debalde percorreremos o mundo inteiro. Vamos bater a qualquer porta, lá nos esperam a mesma costeleta, os mesmos ovos, quer dizer, a mesma politica. Só no tempêro é que ás vezes é differente, emquanto ao mais toda ella se parece: interesses e vaidades.

Se nos der para uma longa viagem, nem por isso melhoraremos muito; em vez de chamusco encontraremos já os incendios; mas serão sempre effeitos de má politica. Por esse oriente, onde, ainda ha pouco, terminou a mais horrivel guerra dos tempos modernos, não se calaram ainda os canhões nem o fogo deixou de rebuscar nas cinzas restos que ainda possam illuminar a morte.

— E' gente barbara, dizemos com os nossos botões.

Depressa, mettemo-nos n'um expresso e vamos desembarcar em Paris, onde os catholicos andam á bordoada com as auctoridades, que só ajudadas pelas coronhadas das espingardas, podem penetrar nos templos para fazer inventario dos bens ecclesiasticos.

Trata-se de procurar um bocado de socego em pontos afamados na Europa por sua tradicional belleza. Não tarda a primavera que já encheu de flores as amendoeiras e que breve espalhará seus aromas pelos pomares da Andaluzia. Acolá é Algeciras; apesar dos optimismos do Duque de Almodovar, passados estes dois mezes, tempo que segundo elle o declara, deve durar a conferencia, que resultará d'aquella reunião de diplomatas? A confiança do Duque não inspira egual em todos.

E visto que, lá de fóra, não nos vêm novas que nos aquietem, voltemos á costeleta e aos ovos caseiros, ou, como vulgarmente se chama, ao pão nosso de cada dia.

Não faltaria que contar, se fossemos a desfiar cada artigo de fundo dos jornaes da opposição, e cada artigo que lhes responde.

A já decrepita questão parece que um remedio milagroso lhe dá forças para ainda viver. Tantas vezes annunciaram, por motivo dos tabacos, a queda do governo, que talvez ande aqui qualquer coisa como o que se diz dos sonhos, que sonhar com morte é signal de vida.

Nas camaras ainda não começaram sobre o assumpto as luctas que promettem ser memoraveis; nas reuniões, que se effectuaram em casa dos srs. Hintze Ribeiro e José Luciano de Castro, os politicos mais notaveis mostraram-se dispostos para o combate. O chefe do partido regenerador, depois d'um discurso vehemente, terminou-o com estas palavras: — «Derrubemos o governo, que é

preciso salvar o paiz!» Por outro lado o sr. Presidente do Conselho entende que é necessario que as maiorias parlamentares marchem sobre os seus adversarios.

Dir-me-hão, depois d'isto, se é possivel, mesmo n'este mez que é sempre dos mais ricos em novidades, fugir d'um assumpto pelo menos tão interessante como das antigas justas descriptas nos velhos romances de cavallaria.

Desejaria a gente falar no carnaval que se approxima, dizer o que se projecta no Chiado, na Avenida e nos theatros, mas logo nos chegam novas do que se passou nas Camaras dos Pares, e as melhores resoluções se põem de parte; só de politica se poderá conversar, aqui como em toda a parte, aqui como nos gremios e á esquina de cada rua.

Eu desejaria dizer, por exemplo, que no Porto vae tal esperança de conseguir umas festas raras nos tres dias de carnaval, que os portuenses lembraram-se de tentar Lisboa para ir até lá, pondo-á disposição dos Alfacinhas um comboio rapido para apanharem um deslumbramento.

Desejaria tambem fazer á espantosa noticia alguns commentarios agradaveis aos tripeiros.

Mas, como, se é agora a Camara dos Pares que nos chama toda a attenção, e seria realmente faltar-lhe ao respeito não contar, em poucas linhas pelo menos, o caso como se passou e a habilidade do sr. Hintze obrigando o governo a um cheque?

Foi assim: Já na vespera o governo faltára na camara, quando, como disse o sr. Hintze Ribeiro, se tratava de cumprir um dever de cortezia internacional para com uma nação amiga: Voto de sentimento pela morte do velho rei da Dinamarca. N'aquelle dia tornou a faltar, não se associando portanto ao voto de sentimento pelas mortes do Conselheiro Pedro Victor, Conde de Obidos, e Marianno de Carvalho. Já pedira a comparencia do governo.

Respondeu o sr. Presidente da Camara que os srs. Presidente do Conselho e ministro da fazenda não compareceriam porque tinham de assistir á sessão da camara dos deputados. Ora, sabendo-se que n'esta camara não havia sessão, propoz o sr. Hintze que fosse a sessão da camara dos pares suspensa, até se saber se o governo poderia assistir a ella. O sr. presidente consultou a camara e foi resolvido que a sessão se suspendesse por 26 votos contra 16. Alegrias e maus humores. Grande borborinho.

Uma hora depois, reabre-se a sessão; mas o sr. Presidente, declarando que o sr. Presidente do Conselho persistia em não comparecer na Camara dos Pares antes de se haver apresentado na dos deputados, encerra a sessão immediatamente.

MAURICIA DE THIERS

Foi immenso o tumulto que então rebentou, e como raras vezes se tem visto n'aquella casa. Os murros nas carteiras ainda eram menos energicos que as exclamações dos srs. Alpoim, Arroyo, Pimentel Pinto e outros pares regeneradores. Ninguem se entendia já. O sr. Augusto José da Cunha, de chapeo na cabeça, desce as escadas da presidencia e o barulho mais cresce.

Cresce tambem em todos a curiosidade de saber o que será quando pela primeira vez o sr. José Luciano se apresentar na camara.

Nem n'outra coisa se falaria desde então, se não fosse, fóra de politica, um caso triste que se deu em Lisboa e muito impressionou quantos o presenciaram.

Não teve felizmente as consequencias que muitos temeram no primeiro instante.

Uma linda rapariga que, segunda-feira passada, se apresentava pela primeira vez no circo, devendo executar o trabalho conhecido pelo nome de *auto-bolide*, ha muitos dias annunciado em todas as esquinas de Lisboa, cahiu, com seu automovel sobre ella, d'uma altura d'uns poucos de metros. Todos a julgaram morta no primeiro instante; mas parece que afinal não soffreu nenhum ferimento de excessiva gravidade.

O publico indignou-se e protestou violentamente, quando a musica de novo se poz a tocar para que o espectaculo continuasse. Foi preciso que Mademoiselle Mauricia de Thiers apparecesse no palco, antes de a levarem para o hospital, o que foi um requinte de crueldade.

Durante umas horas, descançou ali a politica, mas por tal preço não vale comprar um descanço. Bom era que ella descançasse um pouco tambem durante as festas do carnaval que se approxima e para que todos os theatros se vão preparando a toda a força.

Annuncia-se um espectaculo curioso em D. Maria: a representação d'uma comedia, que já ali tem sido representada muitas vezes, mas que o será mais uma vez em dia de entrudo, sendo todos os papeis dos homens desempenhados por mulheres. Adelina, que já, uma vez, obteve um grande triumpho fazendo na *Ceia dos Cardeaes* o papel de Brazão, novo triumpho alcançará agora confrontando-se com Ferreira da Silva.

A não ser que algum caso politico seja de tal ordem que não vá ninguem a D. Maria.

.....

Ultima hora Ao corrigir as provas. Chegou a Cléo de Mérode e dissolveram-se as camaras. Ninguem fala da Cléo.

João da Camara.

Christiano IX Rei da Dinamarca

A morte do Rei Christiano levou o luto ás principaes côrtes da Europa, com as quaes o fallecido monarcha estava mais ou menos ligado por laços de parentesco.

De facto nenhum outro monarcha conta tão numerosa prole como contava o Rei Christiano, que deu principes a varios thronos onde seus descendentes imperam.

Assim assenta-se hoje no throno de Inglaterra sua filha mais velha a Rainha Alexandra Imperatriz das Indias, que ha poucos mezes visitou Lisboa. Sua segunda filha a princesa Dagmar casou com Alexandre III da Russia. Seu terceiro filho Christiano Guilherme Fernando é o actual rei da Grecia sob o nome de Jorge I. O quinto filho a princesa Tira está casada com o duque de Cumberland e de Brunswick, que seria o rei do Hannover, hoje annexado á Allemanha. Finalmente o sexto filho, o principe Waldemar casou com a princesa Maria Amelia de Orleans, filha do duque de Chartres.

Agora, quasi ao terminar da vida, a Noruega escolheu para seu rei, um neto do Rei Christiano, o principe Carlos, filho do principe Christiano que hoje occupa o throno do velho monarcha.

Christiano IX fallecido em 29 de janeiro findo, nasceu a 8 de abril de 1818 pelo que contava quasi oitenta e oito annos, sendo o monarcha mais velho da Europa e o que mais annos de reinado contava, pois que tendo subido ao throno em 15 de novembro de 1863 governou a Dinamarca cerca de quarenta e tres annos.

O Rei Christiano juntava a seus titulos o de rei dos Godos, duque de Sleswig-Holstein, de Stormarn, de Lanemburgo etc. Subiu ao throno da Dinamarca em virtude do tratado de Londres de 8 de maio de 1852, e da lei de successão promulgada em 31 de julho de 1853, succedendo ao rei Frederico VII.

Casou com a princesa Luiza Guilhermina Frederica de Hesse-Cassel em 26 de maio de 1842, da qual enviuvou em 29 de Setembro de 1898.

Pouco tempo depois de subir ao throno da Dinamarca teve de sustentar guerra com a Allemanha que violentamennte annexou o Sleswig Holstein e o Lanemburgo, o que trouxe ao seu paiz grandes disensões dos partidos, estabelecendo-se uma lucta terrivel, de que afinal conseguiu triumphar, principiando então um reinado de paz, á sombra do qual o pequeno reino prosperou largamente.

O bom senso do povo dinamarquez, paternalmente guiado pelo rei Christiano, modelo de monarchas, conseguiu elevar a sua patria ao grau de prosperidade em que hoje se encontra.

Dos tres reinos scandinavos comprehendidos na Suecia, Noruega e Dinamarca é este o mais pequeno, contando apenas dois milhões de habitantes.

A felicidade d'este pequeno povo constituiu a felicidade do seu rei, que todo se lhe dedicou, com o mesmo amor e culto que Christiano IX consagrava á sua numerosa familia, em que elle era um patriarcha.

Na avançada idade em que morreu, nunca descurou os negocios de estado, e para prova bastará dizer que, quando a morte já rossava a sua aza negra pelas cans do velho monarcha, elle ainda cumpria o seu dever, dando audiencia a seus ministros poucas horas antes de expirar.

A morte veio encontral o no seio da familia, rodeado de muitos de seus filhos e netos, e o venerando rei assim morreu em paz, depois de um glorioso reinado de que deixa boa memoria ao seu povo.

O novo edificio da livraria Chardron

A proposito da inauguração do novo edificio da livraria Chardron, dirigia o nosso presado amigo e antigo collaborador do Occidente, sr. dr. Xavier da Cunha, digno e intelligente director da Bibliotheca Nacional de Lisboa, um officio aos srs. Lello & Irmão concebido n'estes termos:

«Ill.mos e Ex.mos Snrs.—Nas mãos de VV. Ex.as o trato dos livros não é uma industria mercantil, é uma religião; a sua laboriosidade é um sacerdocio; a sua casa é um templo.

Pela auspiciosa inauguração que hoje se realisa do novo templo,—eu, na minha qualidade de director da Bibliotheca Nacional de Lisboa, sinto-me feliz em dar enthusiasticamente a VV. Ex.as mil parabens».

Acompanhamos em seu pensamento o illustre director da Bibliotheca Nacional e diremos tambem:

As letras em Portugal já teem um templo!

Quanta força de vontade e arrojo foi mister para realisar este progresso. que o digam os srs. Lello & Irmão, que ha vinte annos vem mourejando n'esta propaganda das letras em Portugal, n'este paiz em que não se lê, por falta de quem saiba lêr, e onde, por este motivo o literato, ainda o mais cotado, não chega a auferir os meios de uma profissão modesta, tendo de trabalhar mais por amor da arte do que pela legitima retribuição do seu trabalho, n'estes tempos de feroz utilitarismo, em que os sacerdocios acabaram, e o mercantilismo impera soberano e soberbo.

Um Templo á Arte! Um Templo ás Letras! Num paiz em que as Academias estão enxertadas nos velhos casarões dos extinctos conventos; os Lyceus acommodados em pardieiros de aluguer; as escolas primarias uma irrisão.

Um Templo ás Letras!

Num paiz em que os governos devoram por anno o melhor de sessenta a setenta mil contos das receitas publicas, deixando apenas umas miseras migalhas para a malfadada instrucção publica!

Que audacia!

Pois são d'estas audacias que o paiz precisa, este paiz onde a causa publica não merece a attenção dos governos, valha nos a iniciativa particular com todo o esforço da vontade, com toda a energia da força, a dar o exemplo, a abrir caminho ao progresso, como largas ao pensamento, principal força impulsiva da vida das sociedades, por onde se aquilata o seu valor moral, sem o que nada vale a materia.

A iniciativa dos srs. Lello & Irmão fundando em Portugal uma livraria modelo, vale, a nosso vêr, mais pela significação moral que tem, do que por todos os brincados da arte com que a enriqueceram; e comtudo a distincção que deram á sua livraria, é que envolve a grande significação moral que a torna um Templo.

Ninguem transporá os humbraes d'aquella porta que não sinta elevar-se o espirito e o disponha á meditação da vida intellectual. Ha ali a tranquilidade que convida á leitura, a conversar em espi-

rito com os auctores d'essa leitura. Fonte prenhe de saber onde os sequiosos vão dessedentar-se.

Não falta pão para o espirito, na grande sala em que entramos. Por todo o ambiente se espalha a luz suave atravez os vitraes, e os reflexos do oiro que reveste os relevos da cobertura dão tom de riqueza e impõe respeito pelo que se guarda sob aquelles tectos. O genero d'aquelle gothico aplicado á architectura civil, não podia ser aproveitado com mais intelligencia e gosto.

Ao longo da sala, por um e outro lado se estendem as estantes empilhadas de livros; nas

JOSÉ LELLO

mesas expõem-se as ultimas edições. Um mundo todo espiritual ali se abriga, enthezourando as obras dos que pensam, dos que consomem a vida no descobrimento da verdade, nas locobrações da sciencia, na philosophia da historia, na inspiração dos poemas, na vulgarisação dos conhecimentos, todo esse grande trabalho intellectual, sem o que as sociedades não progridem, o mundo não tem alma.

Passada a primeira impressão, e observando mais detidamente as decorações da grande sala, vêmos que sob delicados baldaquinos, sobresahindo dos pilares que sustentam a cobertura e a galeria, assentam, primorosamente esculpidos pelo distincto artista Romão Junior, os bustos de Camillo Castello Branco, Eça de Queiroz, Anthero de Quental, Thomaz Ribeiro, Theophilo Braga e Guerra Junqueiro, os grandes auctores portuguezes, dos que já vivem para a historia, dos que ainda vivem irradiando a luz do seu espirito em obras que eternisem esta nacionalidade de oito seculos.

Estão no seu logar, n'aquelle Templo das Letras levantado pela iniciativa de honrados livreiros, que assim mais se honram.

Os srs. Lello & Irmão são os dignos continuadores de Ernesto Chardron, o editor mais audacioso que em Portugal, no Brazil e em Africa abriu mercado para o livro portuguez, e que consumiu a vida n'um labutar incessante, morrendo aos 45 annos vencido pela canceira de uma existencia agitada.

Desenvolvendo quanto possivel as edições em Portugal os actuaes proprietarios da livraria Chardron, tem feito da sua industria um sacerdocio, como bem diz o sr. dr. Xavier da Cunha, a que

ANTONIO LELLO

nos referimos no principio d'estas linhas, e dotados de iniciativa pouco vulgar, não hesitaram em immobilisar um capital importante, na construcção de um edificio proprio, sumptuoso e digno do commercio a que se destina, o primeiro que assim se construe no paiz e como poucos haverá nas cidades mais cultas.

De uma descripção do edificio, que temos presente, extrahimos alguns trechos para melhor elucidar o leitor:

«A fachada é formada de um amplo arco abatido, cuja entrada se divide em uma porta central, ladeada pelas duas exposições de livros. Sobre este arco ha uma janella tripla, superiormente fechada na platibanda e separada das pilastras, que são encimadas por corucheos proprios.

«Aos lados da janella, vêem-se duas figuras, pintura do distincto professor José Bielman, severas na decoração, mas sem a phisionomia doentia das dos templos, que symbolisam, uma a arte, por meio de esculptura, e outra a sciencia, por meio da anthropologia. O resto da fachada completa-se com uma ornamentação de plantas, por cima da janella, e com a designação da firma **Lello & Irmão** Tudo é pintado em côres vivas, com frequentes manchas de oiro, fazendo um conjuncto cheio de harmonia e de riqueza, que attrahe o viandante. Ao penetrar, ao dar os primeiros passos dentro do estabelecimento, a impressão domina-nos por completo, e a curiosidade transforma-se em admiração. Ha apenas uma vasta sala, com uma galeria a que dá acesso uma escada ornamental; mesas de escrever, mesas de livros, bancos aqui e além; uma serenidade absoluta, n'um recinto que incita á meditação e á vida do espirito, que se sente preso a aspirações elevadas e nobres; realmente, nenhum estylo se prestava melhor do que o gothico para suggestionar a familiarisação com a leitura do livro.

«O tecto, que é de um lavor complicado e raro, corre em toda a extensão e largura; as scintillações de oiro põem-lhe uma nota de riqueza que maravilha.

«Quem vae percorrendo a sala, vê então a escada que é uma peça de surprehendente attracção, pela apparencia de leveza que encobre a audacia da sua concepção Sente-se o desejo de subil-a e sente se o receio de que o nosso peso a faça abater. Ao subir, a impressão vae assenhoreando-se do visitante, que se vê colhido de pasmo ao abeirar-se da galeria, onde cae suavemente a luz coada por um amplo vitral, de 8 metros de comprido por 3,5 de largo.

XAVIER ESTEVES

«A impressão empolga o visitante porque os motivos de decoração succedem-se por todos os lados. A riqueza de tons do grande vitral, o recorte gracioso e meúdo das janellas, por dentro, a balaustrada da galeria e os grandes candelabros que dos angulos lançam a luz, as linhas das ogivas, que se entrelaçam no tecto sob os florões, e que vem morrer nas nervuras que correm pelos pilares, até ás mitulas, deixam-nos encantados e deliciados em tão esplendido logar, onde apetece permanecer longas horas, no seio de tantos livros, que parecem ser bons companheiros e leaes amigos: a divisa que no alto do edificio se vê, *decus in labore*, enlaçada no monograma dos srs. Lello & Irmão, recordaria ao estudioso a norma moral, que, como complemento d'esse attractivo intellectual, presidiria aos actos sociaes. Tal é sob todos os aspectos, a impressão que recebe o visitante da nova casa dos srs. Lello & Irmão.

«Desejamos dar alguns esclarecimentos da technica artistica e constructiva A fachada foi levantada em cimento e pintada em um tom, que, em alguns mezes de exposição ao tempo, se assemilhará ao dos edificios antigos; a renda que forma a platibanda e toda a janella tripla foram erguidas em cimento armado, unica fórma de salvar, na medida da solidez e economia, a delicadeza do desenho; a escada e galeria foram tambem construidas em cimento armado, para as grandes cargas de livros.

«A nova casa realisa, pois, dentro dos processos, a feição pratica por que o estylo gothico podia ser adaptado á construcção civil e especificamente a uma livraria.

«Ella ficará sempre como um dos mais bellos edificios do paiz, e com ufania, diremos que do estrangeiro, pois que ninguem nos informa have-los lá que lhe sobrelevem.

«A execução da obra foi superiormente dirigida pelo distincto engenheiro constructor Xavier Esteves, professor do Instituto Industrial e Commercial do Porto, cuja intelligencia superior e invulgar cultura, pondo em execução a idéa dos proprietarios que não desejavam um edificio rotineiro, lhe planeou e fez executar aquelle verdadeiro templo da arte, em que a elegante e monumental escadaria é o verdadeiro *clou*. Grandes foram as difficuldades que na execução do seu projecto encontrou o distincto engenheiro constructor, mas vigiando todos os detalhes, assistindo com toda a sua grande competencia ás mais insignificantes decorações, foi um verdadeiro professor n'uma escola d'arte applicada».

A inauguração do novo edificio realisou-se no dia 13 de janeiro e a ella assistiram os srs. Guerra Junqueiro, Abel Botelho, Julio Brandão, Rocha Peixoto, Justino de Montalvão, João Grave, Xavier Esteves, Pedro José Pereira, representante da Livraria Rodrigues de Lisboa, Antonio Lopes Guimarães, José, Antonio, Manuel e Belarmino Lello.

Foi uma festa agradabilissima, assignalando mais um progresso notavel na capital do norte, que assim se vae honrando com seu constante labor.

C. A.

A Nova Avenida Central do Rio de Janeiro

Uma completa transformação se está realisando na capital federal, com as grandes obras de saneamento e embelezamento do Rio de Janeiro, modificando completamente o aspecto da cidade, tornando-a uma das mais formosas do mundo.

Essas obras obedecem a um plano vasto e systematico que fez parte do programma politico do Presidente da Republica, sr. dr. Rodrigues Alves. As obras correm por conta do governo federal e da municipalidade do Rio de Janeiro, sendo as de saneamento a cargo do ministerio das obras publicas, pasta de que é titular o sr. dr. Lauro Muller, espirito altamente illustrado e amante do progresso, e as de embelezamento, a cargo da camara municipal, de que é presidente o sr. dr. Pereira Passos, que se tem empenhado em lhes dar o maior incremento.

Para se fazer ideia da importancia d'estas obras bastará dizer que o governo auctorisou um emprestimo de 8.500:000 libras para a sua execução, assim como o parlamento votou uma lei de expropriação. Os encargos d'este emprestimo são garantidos por um novo imposto de 15 por cento sobre a importação do Rio de Janeiro.

Os trabalhos technicos feitos por concurso, foram confiados ao sr. dr. F. Bicalho e submettidos a uma commissão de engenheiros para os examinar e estabelecer os regulamentos necessarios para a sua execução e organisação dos serviços.

No plano das obras foi incluida a construcção de um Caes Commercial, na extensão de 3.500 metros comprehendidos entre a Praça da Prainha até ao fim da rua de S. Christovão.

Ao longo do Caes Commercial são installados grandes armazens de deposito e do outro lado estende-se uma avenida de 40 metros de largura que vem reunir-se á Praça da Prainha e avenida Central. O Canal do Mangue é prolongado até ao mar.

O custo d'estas obras e expropriações, eleva-se ao total de 168.216:000$000 contos de réis.

A construcção do Caes Commercial foi concedida á casa C. H. Walker & C.ª de Londres.

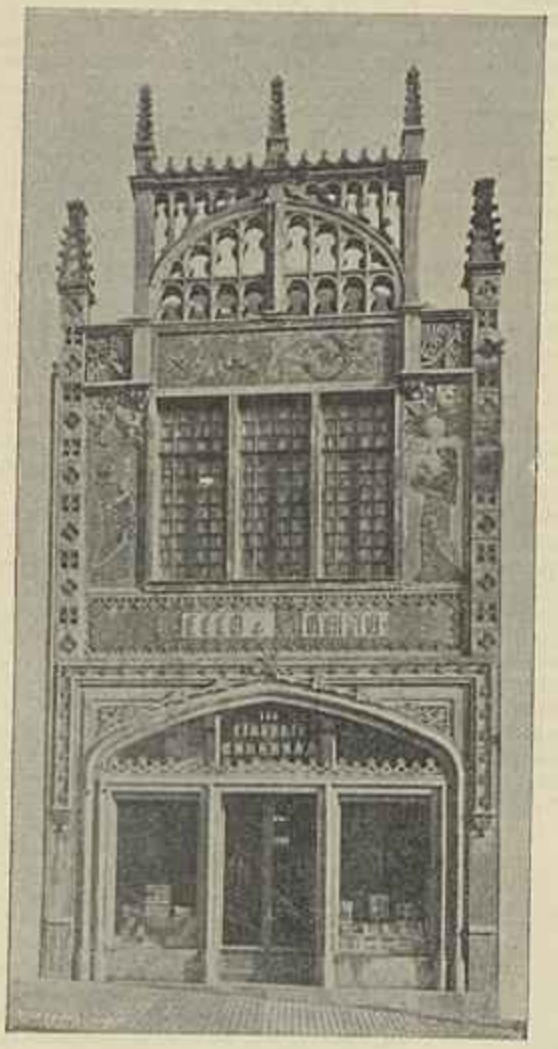
A avenida Central foi aberta á circulação em 7 de setembro de 1904 e hoje são já importantes os edificios construidos e em construcção, como se póde vêr pelas gravuras que publicamos.

Para o calcetamento d'esta Avenida foram contractados calceteiros de Lisboa, que ali vão executar os seus trabalhos de mosaico, tão apreciados na nossa capital.

A avenida Central tem o percurso aproximado de 2 kilometros e corta as seguintes ruas da cidade velha: a antiga rua da Prainha, hoje rua Acre, ruas Municipal, Visconde de Inhaúma, Theophilo Ottoni, S. Pedro, General Camara, Alfandega, Hospicio, Rosario, Ouvidor, Sete de Setembro, e S. José; a rua de S. Bento desappareceu com esta obra mais de metade, assim como uma boa parte da rua dos Benedictinos, metade da rua Municipal e uma grande parte da rua dos Ourives, assim como a rua da Assembleia, de Santo Antonio, Barão de S. Gonçalo, becco de Manoel de Carvalho, quasi toda a rua da Ajuda de que só resta a parte que a ligava á rua de S. José e á rua de Santo Antonio.

Para a abertura d'esta avenida Central demoli-

Novo Edificio da Livraria Chardron, no Porto



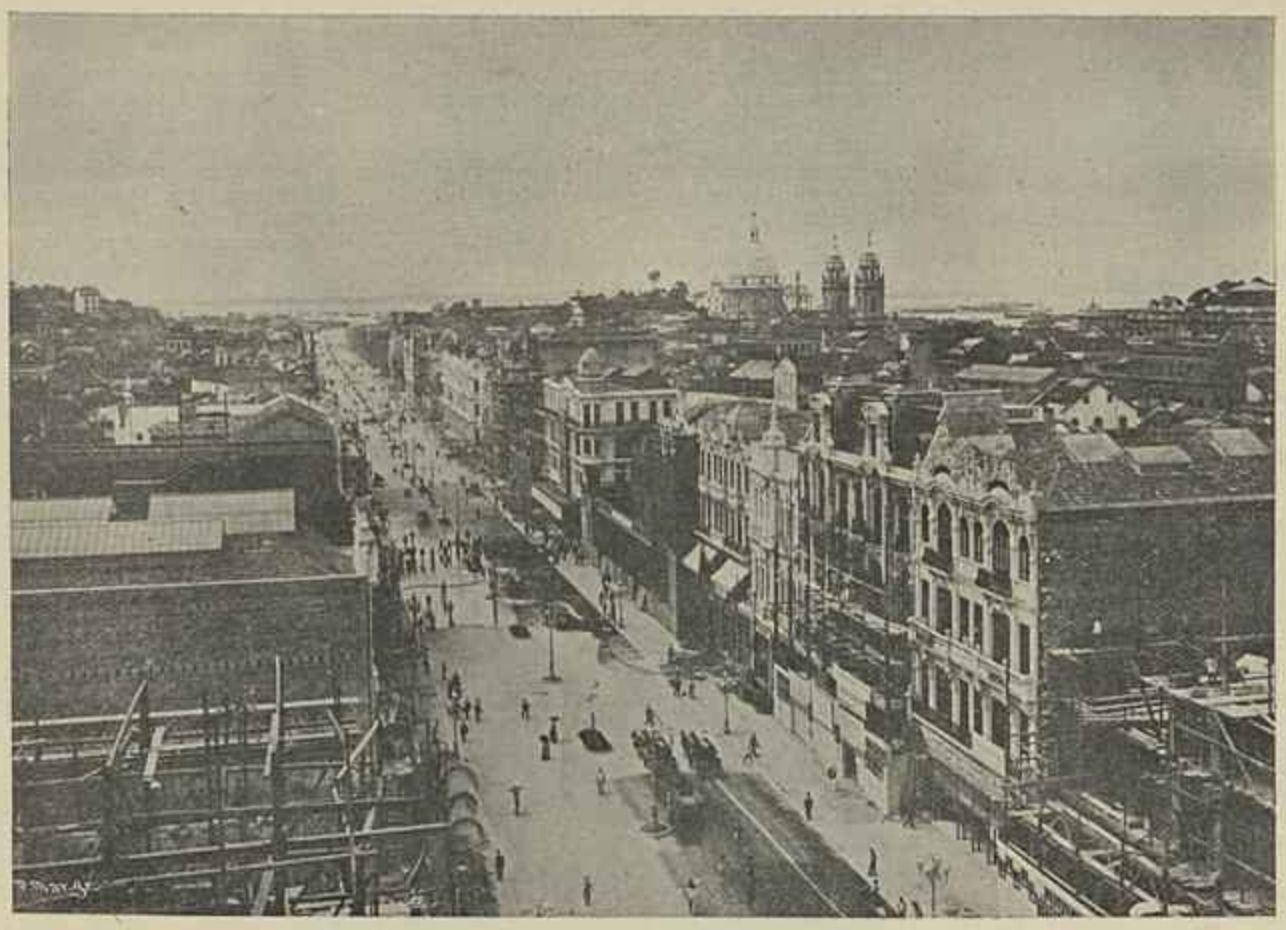
A FACHADA

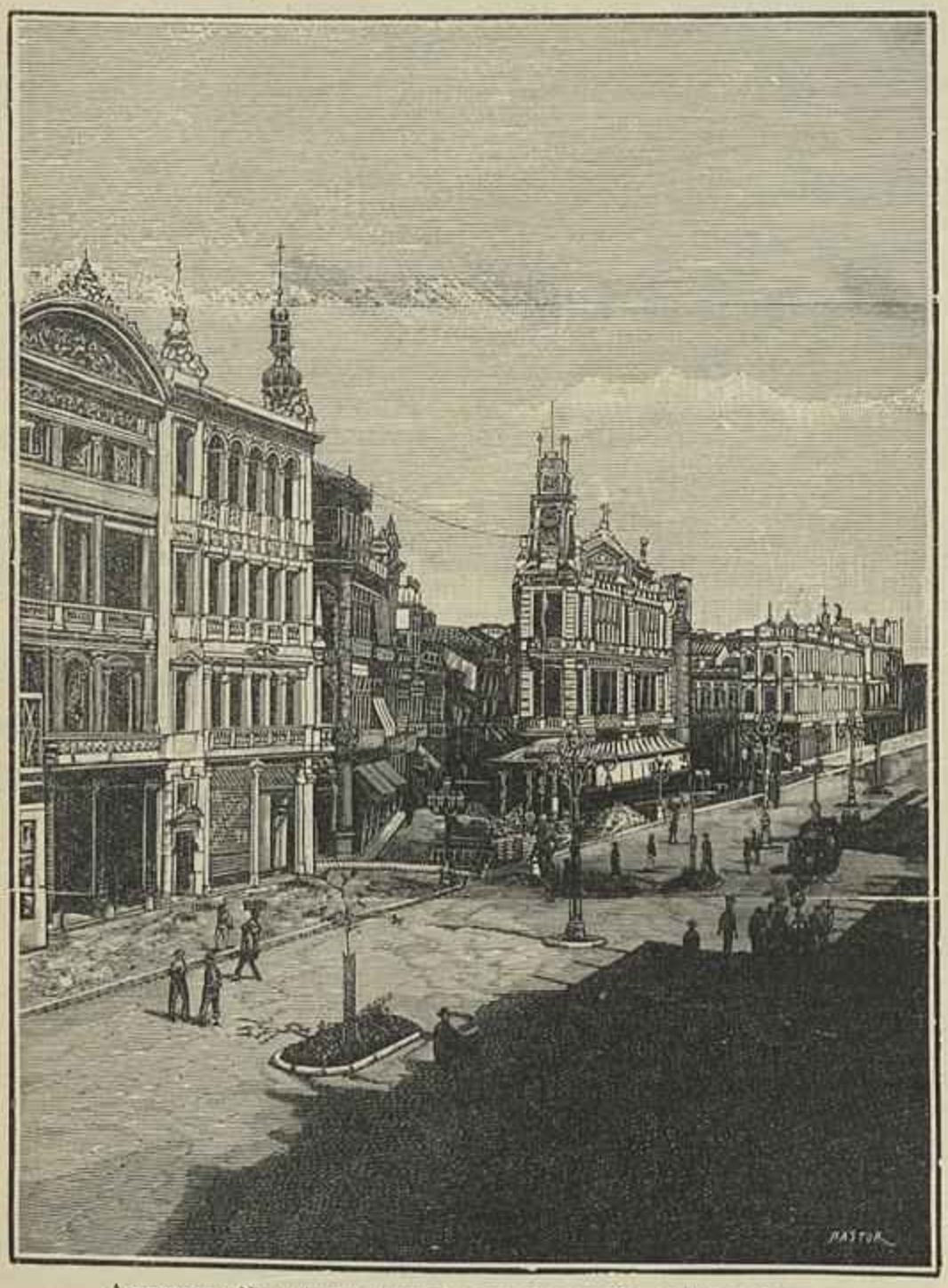
A GALERIA E PARTE DO VITRAL

SALA DA LIVRARIA E ESCADA PARA A GALERIA, VISTA DE FRENTE

SALA DA LIVRARIA E ESCADA PARA A GALERIA VISTA DE TRAZ

A Nova Avenida Central do Rio de Janeiro





Aspectos da Nova Avenida central, em construcção, no Rio de Janeiro

ram-se 550 predios na maior parte velhos e ameaçando ruina, contando-se, entretanto, n'aquelle numero algumas propriedades de construcção recente, o que tudo foi expropriado conforme a lei de 18 de setembro de 1903.

São estas as obras executadas por conta do governo federal.

Além d'estas, porém ha as que correm por conta da Camara Municipal. O plano d'estas obras é o seguinte: abertura de 3 avenidas, alargamento de 12 ruas e prolongamento de 3, canalisação das ribeiras da Carioca, Berquó, Maracaña etc.

A avenida mais importante é a da beira mar, que contorna o litoral da cidade desde a rua Chili, onde termina a Avenida Central, até ao fim da praia de Botafogo, na extensão de 5:200 metros com 33 de largura A segunda Avenida parte da Praça da Lapa até á rua de Frei Canéca, passando sobre o viaducto da Carioca, na extensão de 1:543 metros. A terceira Avenida vae do principio da rua de Frei Canéca até á Praça Estacio de Sá, no comprimento de 945 metros.

As ruas que são alargadas estabelecem grandes vias de communicação entre as Praças Quinze de Novembro, Tiradentes, Republica, Carioca e Estacio de Sá. Essas ruas são as da Assembleia, Carioca, uma parte da de Frei Canéca e de Estacio de Sá, sendo estas duas ultimas ligadas pela Avenida Salvador de Sá.

Uma outra via de communicação importante corre de éste a oéste da cidade, fazendo communicar o Caes dos Mineiros e a Alfandega com a Praça de Santa Rita e a Estação Central. Para isto se alarga a antiga rua de S. Joaquim, hoje de Manoel Floriano Peixoto, assim com a rua Visconde de Inhaúma.

Outras duas vias de communicação são estabelecidas de norte ao sul; a primeira pelo alargamento das ruas da Prainha, Urugayna e Trese de Maio, na extensão de 1:160 metros, ligando as extremidades da Avenida Central ás Praças da Carioca e de Santa Rita. A segunda via é estabelecida pelo prolongamento da rua do Sacramento e alargamento da rua do Commercio, na extensão de 910 metros, ligando a Praça Tiradentes e a Avenida Novo Caes, passando pela rua Marechal Floriano.

São estabelecidas ainda outras vias de communicação de menor importancia, taes como a continuação da travessa de S. Francisco de Paula, o alargamento da rua de S. José, da rua de Santo Antonio e prolongamento da rua Acre até á rua Marechal Floriano.

As obras de canalisação compreh ndem a substituição de todos os ribeiros que correm nas Larangeiras, Botafogo, Rio Comprido e Engenho Velho, por canaes cobertos.

São demolidos 1:108 predios para a abertura e alargamento d'estas vias de communicação.

O custo das obras eleva-se a 42:232 contos de réis, de que ha a abater uns 9:184 contos valor dos terrenos que sobram.

Aqui tem o leitor a grande transformação por que está passando a cidade do Rio de Janeiro, e se já lá esteve em tempos e tiver de lá voltar, não a reconhecerá facilmente.

MU-SIAM

CONTO CHINEZ

POR

DOROCHEVITZ

(Continuado do n.º antecedente)

—

Tum-Li-Tchi-San, na sua residencia, vivia na ignorancia absoluta das torturas moraes infligidas á pobre Mu-Siam.

Retumbou o gonzo, e, mirando a través da portinha oval, avistou immensa multidão de gente apinhada em frente da sua casa. Eram os parentes de Mu-Siam, e á frente, caminhava um velho andrajoso, com uma corda enrolada á roda do pescoço.

Ao erguer a cabeça, o velho, estremeceu Tun-Li; reconhecera a pessoa de seu tio, A-Puo-Tchim-Yan, pae de Mu-Siam.

Adiantou se um bonzo e perguntou-lhe:

—Conheces este ancião, Tun-Li-Tchi-San?

—Conheço, respondeu aquelle, a tremerem-lhe os beiços... E' o irmão de meu pae!

—E sabes por que é que aqui veiu? .. Responde.

—Não sei, servo do ceu!

—Veiu para ser estrangulado no seio do teu lar. Trouxeste a desgraça á nossa familia; depravaste-lhe a filha; és a causa de haver infligido a si proprio o mais atroz supplicio You-Ko-Zan, afim de lavar semelhante deshonra.

Tun-Li ao ouvir tão pavidas noticias ficou, que mal podia suster-se nas pernas.

Cumpre, pois, lavar o opprobrio da casa do irmão de teu pae. A menos que não queiras antes vê-lo dependurado da verga da tua porta!

—Fala! Que devo eu fazer?

—Deves desposar a filha d'elle, casar com Kuar-Mu-Siam!

Tun-Li, de aliviado soltou um largo suspiro: fulgiam lhe os olhos, de alegre. Pois quê! E era aquelle o castigo que lhe impunham! Vivia Mu-Siam e ia ser sua mulher!

—E nada mais? balbuciou.

—Nada mais! E' esta a sentença proferida. Consentes em desposar uma mulher deshonrada?

—Quando te aprouver. Fá-lo ei com jubilo.

—Vem comnosco. E tira a corda do pescoço do honradissimo A-Puo-Tchim-Yan.

. . . . . .

—Pobre Yan-Ko-Zan! suspirou Tun-Li, transpondo os umbraes da casa á qual trouxera tamanha dôr.

Levaram-n'o para o templo dos idolos, e tomou o um calafrio só de pensar no drama que se desenrolara entre aquellas paredes.

—Deita-te nesse tapête, rubro com o sangue da tua victima.

Tun Li tregeistando horrorizado, assentou o pé no tapête amarello onde apparecia uma nodoa escura.

«Quando terão fim estas cerimonias atrozes? disse lá comsigo. Sentaram-se todos de cócarinhas, e ordenou o bonzo:

—Tragam para aqui Kuar-Mu-Siam!

Tun-Li ergueu a vista: conduziam a pobrezinha, tapada dos pés á cabeça com um veu branco, roçagante, toda a tremer, sustendo-se a custo nas pernas.

Collocaram-n'a junto d'elle num tapête.

—Tun-Li-Tchi-San, tira o veu á tua noiva. Está deshonrada; toda a gente lhe pode vêr o rosto, antes de celebradas as nupcias!

Tun-Li tirou o veu, e acto-continuo, recuou, soltando um grito de pavor.

—Seria acaso a propria Mu-Siam, aquella creatura que ali se achava, junto d'elle? Aquella boquinha, ainda hontem tão linda, e agora, hiante tal qual um abysmo; os dentes haviam-lhos tapado, como se faz ás viuvas, com esmalte negro, rijo como os proprios dentes; as sobrancelhas, arrancadas, e por baixo dos olhos, tumescentes, duas ulceras a atestarem os tratos que padecera.

O mais horrente, comtudo, era a cabecita da pobre Mu-Siam! Rubescente, inchada, arrancados um por um os cabellos, em conformidade com o castigo inflicto ás esposas infieis.

—E agora, celebre-se o matrimonio, clamou o bonzo.

—Nunca! vociferou Tun-Li, num retrahimento de todo o proprio ser! Nunca!

E, antes de que pudessem pôr-lhe estorvo, investiu pelo templo fóra, derrubando, atirando de cangalhas, pisando a pés, parentes e serviçaes.

No desatino da carreira, conservava apenas uma reminiscencia, a d'aquelle grito que lhe dilacerava a alma, o grito da pobre e mutilada Kuar-Mu-Siamzinha!

* * *

Tun-Li nem sequer sabia já quantos dias tinha passado no carcere, lá no fundo de uma masmorra escura e humida para onde o haviam arremessado, de ferros aos pés. Com a cabeça e as mãos entaladas, ou antes encaixadas numa prancha presa aos hombros, cada movimento representava para si atroz supplicio: tinha até que dormir sentado: e d'ahi, seria somno, com effeito, aquella situação inconsciente, visitada por aquelles plumbeos pesadellos?

Os alimentos para elle consistiam em umas mancheias de arroz, que o guarda, todas as manhans lhe depunha em cima da prancha, e aos quaes Tun-hi (a custo Deus sabe de que angustias!) tinha que alcançar com a lingua.

A elle parecia-lhe que já durava, havia um seculo, semelhante tortura, comquanto, na realidade, houvessem apenas decorrido oito dias desde que jazia encarcerado.

Durante aquelles oito dias, quantos acontecimentos se não haviam realizado! O seu tio A-Puo-Tchim-Yan, que assim lh'o explicava o carcereiro a poder de injurias, enforcara-se-lhe á porta de casa: promulgada a sentença, é Tun-Li condemnado á morte. Houve um ponto, apenas, ácerca do qual lhe não soube responder o carcereiro.

—Que destino haviam dado a Mu-Siam?

Quanto mais se ia engolfando naquelle soffrer Tun-Li, com maior ancia desejava a morte, e, se estivera na sua mão fazê-lo, haveria despedaçado a cabeça contra as paredes do carcere.

E sem embargo, estremeceu todo e sentiu-se desfalecer quando se abriu a porta e entrou no carcere um vigilante com o carcereiro a participar-lhe:

—Vem commigo, Tun-Li-Tchi-San!

—Soou a hora da justiça!

Não era a propria morte o que mais medo lhe metia, eram os tratos, que, sem duvida, não deixariam de anteceder aquella.

Contemplava com pavor as duas taboas entre as quaes entalam o desditoso condemnado a tormentos... Não podia despegar a vista de cima do verdugo, um gigante semi-nú, trazendo á cinta um completo arsenal de facas, e, na mão, um immenso machado.

Inceptou-se o interrogatorio:

—Seduziste a filha do irmão de teu pae; impellistes para o suicidio o marido; enforcou-se á tua porta o pae; maculaste o nosso culto divino; riste das santas leis divinas e humanas

—Responde!... vamos! respondes ou não?! Se não quiseres confessar, aguarda-te a justiça.

—E' verdade, sim! mumurou Tun-Hi.

—E por todo esse acervo de crimes, te condemnou á morte o nosso esclarecido tribunal.

Condemnado já elle estava, e semi-morto de susto, até. Mas, que será aquillo que lhe estava dizendo ainda o mandarim enviado pela suprema justiça. Qual a significação deste tão estranho discurso.

—Visto pertenceres á illustre raça dos mandarins, os teus parentes invocaram em teu favor um dos direitos que te é concedido pelas nossas leis: Arranjaram-te um substituto, que assumirá o teu nome, padecerá por ti o supplicio, e cuja familia entrará na posse da tua riqueza. Fica aqui e assiste ao supplicio de Tun-Li-Tchi-San. Tragam á nossa presença Dzin-Bi!

Tun-Li contemplava estupefacto o seu estranho substituto. Era um pobre *culi*, definhado pela miseria, com o peito encolhido, olhar torvo, andar incerto.

—Dzin-Bi, lhe disse o juiz: conforme t'o faculta a nossa lei, consentes em tomar para ti o nome, o crime e o supplicio deste mandarim?

Tun-Li, offegante, aguardava a resposta do malaventurado culi.

Este mexeu com os beiços:

—Sim, sim, murmurou.

O carrasco brandiu o poderoso machado, e a cabeça do suppliciado revoluteou no ar rebolando em seguida pelo solo, deixando atrás de si um comprido e sangrento rastro.

Ataram-lhe o rabicho a uma roldana e depois ataram-n'a ao topo de uma comprida estaca.

—O teu nome? perguntou ao ex-Tun-Li o mandarim.

—Dzin-Bi, murmurou este em extincta voz.

—Presenceaste o supplicio de Tun-Li San; elle agora já não existe, e tu, miserando e desprezivel culi, tens, a datar de hoje, de sair da nossa provincia. Se amanhan, ao nascer do sol, alguem te vê por aqui, a esse alguem assistir-lhe-á o direito de te matar como quem mata um cão.

E afastou-se o mandarim.

Dzin Bi, então, adiantou os passos para um dos seus. Este, desviou-se, arremessando-lhe para o chão umas moedas; procederam do mesmo modo os outros perentes. Nos olhos do irmão, tão somente, viu Tun-Li fulgir uma lagrima.

—Foge quanto antes, murmurou este, afastando-se.

—E Mu-Siam? Em nome do ceu, que é feito d'ella?

—Não tornará a vêr a sua patria, não contará a ninguem a vergonha da sua raça, accrescentou o irmão. Depois, abruptamente, afastou-se, para que ninguem o visse conversar com um ente vil e desprezivel.

Tun-Li, ao vêr-se sósinho, mirou ainda uma vez a pobre e sangrenta cabeça; depois, a cambalear, afastou-se.

Parecia-lhe achar-se sob o peso de medonho pesadêlo, prolongando-se de modo indefinido e a atabafá-lo.

* * *

Em Singapura, no grande templo de Confucio, entre as viuvas que se votaram ao culto do sanctuario, chama a attenção do observador uma vélhita vestida de preto como as suas companheiras.

Os olhos sem sobrancelhas e lacrimosos ostentam perenne expressão de pavor. Treme-lhe a cabeça pelada de todo.

Não tenteis dirigir lhe a palavra, como unica resposta abre a bôca soltando assim a modo de um silvo, e, tomado de pavor, recuaes: dentro d'aquella bôca bole uma lingua meio arrancada. Conta vinte e dois annos a pobre velhinha: e o seu nome é Mu Siam!

. . . . . .

Se acaso, em S. Francisco, tiverdes de alugar um culi, dirigir-vos-eis, inevitavelmente, a um notario chinês incumbido desse mister; e não deixareis, por certo de encommendar, mentalmente ao demo o magistrado côr de limão, por causa da sua azafama em zelar os interesses dos culis.

Exigir-vos-á uma indemnisação pesadinha, em compensação, todavia, nada exigirá ao Chim pobre e desvalido.

E por isso é vêr como os culis acatam o seu notario: não tomam nunca uma decisão sem que o consultem, e é para elle que appellam nos seus dares e tomares com qualquer forasteiro.

Europeu no trajar e nos costumes, não obstante, parece-se aos seus prezados clientes.

Com a differença, de que no olhar triste e profundo, lhe assoma por vezes angustiada expressão. e, de onde em onde, um fremito que faz lembrar o que deslisa á superficie das ondas acalmada a tempestade.

Nelle tudo indica a raça, já pela elegancia do exterior, já pela educação e a instrucção. A vulgaridade do nome, eis apenas o que destôa do conjunto:

Chama-se Dzin-Bi, nome que em chinês significa «morto de fome.»

E se acaso, na sua presença, proferirdes o nome de Tun-Li, então, divisar-lhe-eis nos olhos um pavor convulsivo, como se lhe surgira em frente medonha apparição.

M. MACEDO.

A natureza e seus phenomenos

PARTE IV

OPTICA

CAPITULO II

DISPERSÃO E RECOMPOSIÇÃO DA LUZ

(Continuado do n.º 975)

Do lado contrario ao alvo de vidro, existe um tubo metallico com duas *lentes*: a *ocular* (onde o observador applica o olho, para vêr a imagem), e a *objectiva* (lente collocada perto do objecto). Esse tubo é coberto por uma tampa

que se tira, quando o apparelho funccionar. Por meio d'esta camara, é que se tiram as *photographias*.

Photographia é a arte de fixar as imagens produzidas pelo sol.

Os saes de prata expostos á luz, teem a propriedade de ennegrecerem mais ou menos, consoante a intensidade da luz que sobre elles incida. E' esta a experiencia fundamental da photographia.

A chapa de vidro onde se pretende fixar a imagem, prepara-se, limpando esta, muito bem, com uma pelle de camurça de modo que o vidro fique bem polido, estendendo sobre esta uniformemente uma camada de collodio e iodeto de potassio, e escorrendo o excesso de liquido, a chapa embacia-se, devido á vaporisação do ether do collodio, sendo, d pois, mergulhada, n'uma solução de nitrato de prata a 1:10. O iodeto de potassio, em presença do nitrato de prata, passa a iodeto de prata.

Assim preparada a chapa entra na camara photographica, para ser influenciada pela luz, sendo a sua collocação, nos caixilhos de madeira, feita, n'um quarto escuro, apenas illuminado por uma luz vermelha on alaranjada. O amador photographico vê, primeiramente, a imagem do objecto, no vidro despolido, substituindo, em seguida, pela chapa de vidro já preparada, devendo ser feita, essa substituição, com a maxima cautella. Destape-se, em seguida, o tubo metallico, deixando actuar na chapa, o tempo necessario, tapando-o, em seguida, e retirando a chapa, egualmente, comcautella. E' no quarto vermelho ou alaranjado que se revela a chapa. Os banhos reveladores, até hoje conhecidos, são muitos. Recommendamos, porém, de preferencia, o banho composto de uma solução de 100 partes de agua 4, de acido pyrogalhico, e 6 de acido acetico. Apparece, então, a imagem. A chapa é, em seguida, *fixada* n'um banho de hypposulphito de soda, e lavada na agua destilada, obtendo então um *cliché* negativo da imagem. Collocando o *cliché* n'um papel devidamente preparado com nitrato de prata, apertando um contra o outro, fortemente, em prensas para isso destinadas, e expondo-as á luz solar até que o nitrato de prata seja atacado, obtemos os *clichés positivos*, onde os claros da prova negativa formam as sombras da *prova positiva* e vice-versa.

Para fixar a imagem positiva, recommendamos o seguinte processo:

Mergulhe-se o papel n'uma solução composta de 1 parte de hypposulphito de soda e 8 de agua, durante 20 minutos, e, em seguida, n'um banho composto de 1 gramma de chloreto de ouro para 1 litro de agua, durante algumas horas.

Photogravura — Reduzem-se a 5, as manipulações necessarias para se obter uma photogravura.

1.º—Obter o *cliché negativo*.

2.º — *Preparar uma chapa gelatinada*, lissa, quando se quizer reproduzir uma gravura, ou *quadriculada*, quando se quizer reproduzir uma photographia.

3.º—*Impressão das chapas gelatinadas* para se obter a prova positiva dos *clichés*.

4.º—*Tiragem da chapa* até tornar bem nitido o relevo.

5.º—*Preparação da prancha typographica*. Servimo-nos para isso do *pyritol* (substancia dura, que funde a 115º e solidifica rapidamente). Para dar maior consistencia, a essa substancia, reforça-se esta, por meio de uma armadura de metal.

O *cliché gelatinado* retirado de agua, e enxuto, é collocado n'uma mesa, sobre uma lamina de cartão, e sobre este, uma outra de latão de paredes verticaes, formando-se, assim, uma especie de caixa aberta, cujo fundo é occupado pela gelatina, devendo o plano superior da caixa ser distante da gelatina, cerca de 23 millimetros, para que o *cliché* possa ser collocado no meio dos caracteres d'imprensa.

Na face interna do quadro e gelatina, cobertas de oleo, deita-se uma camada de *pyritol*, afim de moldar o *cliché*. N'esse momento, colloca-se a armadura junto ao quadro, a qual é sustida por duas varetas onde se liga um fio de chumbo repousando nos bordos do quadro. Nova porção de *pyritol* une a primeira camada á armadura. Deixando resfriar a massa, e levantando as diversas partes do molde, obtemos um *cliché* typographico, que dispensa ser pregado n'um parallelepipedo de madeira, podendo, immediatamente, seguir para a imprensa.

Cinematographo—Para obter a serie de imagens do cinematographo, Jenkins emprega uma bateria de objectiva de egual abertura e foco, recortadas sobre um disco C, cujo eixo termina por uma engrenagem, a qual torna o seu movimento, solidario do do rolo D, que leva comsigo a fita onde existem as photographias. Esse movimento é combinado de tal forma, que a periphe-ria do disco, onde estão collocadas as objectivas, tem uma velocidade perfeitamente egual ao da fita. Esta, guiada pelo rolo A, desenrola-se parallelamente ao plano do disco das objectivas, e a uma distancia tal do seu eixo de rotação, que n'um dado momento, e durante um certo espaço de tempo, uma das objectivas se acha situada em face da fita, animada de egual velocidade. Na frente d'esse ponto, existem as paredes da caixa que contem o apparelho, a qual tem uma abertura por onde os raios luminares penetram na objectiva; essa abertura pode ser variavel por meio d'um disco E, contendo uma serie de diaphragmas; obtem-se então uma imagem, dando a objectiva seguinte, uma nova imagem e assim successivamente.

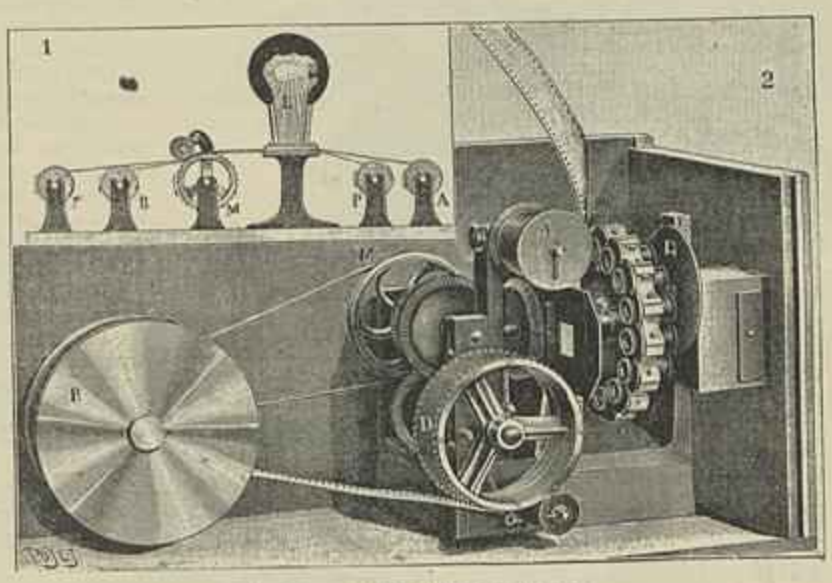


Fig. 56 — CINEMATOGRAPHO

Um volante M dá movimento a todo o systema e liga-se por meio de uma correia, a uma bobine R, onde está armazenada a fita das photographias. O mesmo inventor indica nos o meio de tirar um positivo com as fitas. A fita sensivel é enrolada na bobine P (fig. 56) e o *cliché*, na bobine A. Ambas s'o perfuradas nos bordos, afim de permittir uma coincidencia perfeita. As extremidades da fita e do *cliché* enrolam-se, em seguida, em bobines receptoras (B e N) passando por um supporte contendo uma lampada de incandescencia (L). As fitas são, em seguida, arrastadas, simultaneamente, por uma roda dentada, movida por um systema de relojoaria, de modo que a impressão se faça, no momento em que a fita passe, junto á lampada L, e da mesma forma para todas as imagens. A revelação das fitas impressionadas faz-se enrolando-as em helice, n'um tambor, cuja parte inferior mergulha n'um banho revelador.

Photographia das cores — Parece que, finalmente, o processo da reproducção directa das côres pela objectiva, e a chapa sensivel, está resolvido de uma forma muito engenhosa, pelo senhor Lippmanm; no emtanto, a applicação pratica do processo ainda não está achada. A photographia indirecta das côres parece, no emtanto, estar resolvida mesmo na pratica. N'este processo, a mão do homem intervem, ou por meio de vidros córados collocados deante das imagens incolores, ou por meio de pigmentos córados incorporados n'uma emulsão ou banhos de tinturaria.

Considerando um superficie branca fracamente illuminada ao espectroscopio, distinguir-se-ha tres côres (vermelho-alaranjado, verde, e azul violeta). As restantes côres não apparecem senão com uma luz mais intensa, notando-se, no emtanto, que as tres côres citadas, contêem todas as outras. Se de um quadro colorido, podermos obter as tres imagens (vermelha, verde e violeta), facilmente poderemos, portanto, reconstituir o objecto com todas as suas côres, em o examinando com as tres imagens sobrepostas, desde que tenhamos colorido cada uma d'ellas, com a côr correspondente á radiação que a tenha produzida. Algumas chapas photographicas têem a propriedade de ser mais sensiveis a umas radiações do que a outras. Utilisando d'esta propriedade e collocando uma de cada especie d'essas chapas, deante da objectiva, obter-se ha em cada uma d'ellas, a parte da imagem que contiver essas colorações, isto é, na chapa mais sensivel ás radiações verdes, os tons verdes, etc. A sobreposição dos tres negativos obtidos, dar-nos-ha a imagem do objecto, com todas as côres n'elle existentes.

A realisação d'este principio exposto por Cros e Ducor de Hauron parece, realmente simples, mas a impressão d'estes *clichés*, e é esse o seu effeito pratico, não é de tão facil realisação. Para esse fim, é que temos de nos servir dos pigmentos córados.

Microscopios—Servem para augmentar as dimensões dos objec'os.

O *microscopio simples* é uma lente convergente, de foco curto, mettida n'um aro, que tem um cabo, para melhor ser applicavel ao fim a que se destina. O objecto a examinar será collocado entre essa lente e o foco principal.

(Continúa).

ANTONIO A. O. MACHADO.

O MEZ METEOROLOGICO

Janeiro, 1906

Barometro.—Maxima altura 775,mm6 em 5.
» » » 753,mm9 » 2.
Thermometro.—Maxima altura 17,º0 em 4.
» » » 2,º2 » 24.

A temperatura que se conservára alta, até 9, com minimos superiores a 10,º e maximos entre 15,º e 17,º tornou-se normal de 10 até 21. Em 22 uma zona de frio passou sobre a capital e que durou até 27, com minimos inferiores a 5,º, e maximos inferiores a 10,º.

As minimas mais fracas foram: em 22, 2,º8; 24, 2,º2; 25, 2,º4, e os maximos mais fracos foram em 22 e 24, 8,º9; e em 25, 9,º4.

Elevação de temperatura desde 27.

Vento dominante. — NE.

Chuva. — 38,º4 em 10 dias.

Nebulosidade. — Bom tempo 18 dias.
Nublado 9 »
Encoberto 4 »

Dias *nevoa* 7 dias; gelo em 25

Evaporação média.—1,mm2

Osone. — (Média) 0,º6.

Força do vento. — (ás 9 h. a m)
Calmas, 3 dias.
M. Fraco 2 »
Fraco 6 »
Moderado 17 »
Fresco 2 »
Forte 1 »

NECROLOGIA

Dr. Alves de Sá

Está de luto o óro portuguez pela morte de um dos seus primeiros jurisconsultos, o dr. Alves de Sá, victimado pela torturante neurasthenia que n'estes ultimos dois annos se apossara d'aquella organisação franzina, delicada e que teve seu termo no dia 1 do corrente.

O dr. Eduardo Dally Alves de Sá, era filho do Visconde d'Alves de Sá que foi presidente do Supremo Tribunal de Justiça, e nasceu em Lisboa a 2 de Dezembro de 1849.

O seu curso na Universidade de Coimbra foi dos mais brilhantes e ali se doutorou em leis a 14 de julho de 1872.

Estabeleceu banca de advogado em Lisboa e logo nas primeiras causas que lhe confiaram elle revelou sua grande aptidão e profundo conhecimento das leis a par de notavel talento e argucia nas questões.

Sua fama correu e o dr. Alves de Sá era procurado para tratar as causas mais intrincadas e de difficil solução. Algumas d'essas causas ficaram celebres, como a das avarias do patacho *Julia*, a do abalroamento do vapor inglez *City of Meca* que meteu no fundo o vapor portuguez *Insulano* e muitas outras causas commerciaes e civis, a que especialmente mais se dedicava, conhecendo, comtudo toda a legislação, até a do fôro militar como

bem provou no celebre processo do sr. Augusto Castilho, que foi chamado a advogar, e de que triumphou gloriosamente, alcançando inteira justiça para o brioso official superior da armada portugueza, que tão honrada e heroicamente se havia conduzido, na celebre sublevação da marinha brazileira por Custodio de Mello.

O dr. Alves de Sá não possuia os dotes do verdadeiro orador, que pelo gesto e pelo calor da phrase arrebata os auditorios; mas a sua palavra era elegante e facil, a exposição clara por mais difficil que fosse a questão que tinha a destrinçar.

Para isto valia-lhe o profundo conhecimento das leis desde as mais antigas ás mais modernas, que de todas se valia e todas citava na defeza dos seus constituintes, perante os magistrados que por elle tinham a maior consideração e respeito.

De tão vasto conhecimento das leis, se póde dizer que elle creou novas theorias do Direito em harmonia com os estudos da sciencia, da phisiologia, da anthropologia etc., que classifica muitos criminosos de doentes.

O dr. Alves de Sá foi um jurisconsulto do seu tempo, a par de todo o movimento scientifico, achando por isso sempre phases novas nas questões, para d'ellas tirar todo o partido.

Os seus estudos são importantes, deixando numerosos trabalhos impressos de que citaremos os seguintes principiando pela sua dissertação do curso de Direito. *Dos direitos da Egreja e do Estado a respeito da creação, suppressão, união, divisão e circumscripção das dioceses e metropoles;* a dissertação para o grau de licenciatura, *Evolução historica do Supremo Tribunal de Justiça e seu estado actual;* discurso pronunciado na sessão inaugural da Associação dos Advogados do anno de 1873-1874, *O estado actual da sciencia do direito civil; Questões usuaes de direito; Commentario ao codigo do processo civil; Primeiras explicações ao codigo commercial portuguez de 1888;* e muitos outros trabalhos impressos, relativos a processos em que foi advogado.

DR. EDUARDO ALVES DE SA

Quando em 1867 se reuniu em Lisboa o Congresso de Direito Penal, o dr. Alves de Sá foi nomeado presidente do grupo portuguez e n'essa qualidade pronunciou um notavel discurso em francez esplanando as razões e fins do Congresso, notando os progressos dos estudos de criminalogia e de direito penal.

O dr. Alves de Sá no meio dos seus trabalhos de jurisconsulto, e tantos eram elles, encontrava ainda tempo para se dedicar em horas d'ocio ás artes. Assim cultivava a pintura para que tinha boa disposição, sendo tambem um enthusiasta pela musica.

As suas criticas sobre arte eram muito apreciadas, revelando que o estudo arido dos codigos não lhe atrofiara os sentimentos do artista.

Cedo se apagou aquelle grande espirito, um dos maiores talentos da nossa epocha.

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras

R. do Alecrim, 111, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA

Santos Camiseiro

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25 — ROCIO

—LISBOA—

Sempre bom sortido de camisas, camisolas, meias, peugas, gravatas, punhos, collarinhos e muitos outros artigos de phantasia, como botões para collarinhos e punhos, carteiras, malas para viagem e lençaria.

ESPECIALIDADE EM CAMISAS PARA CASACA

(o que ha de mais moderno)

Executa-se toda a roupparia por medida

A melhor agua de mesa conhecida

AGUAS MINERAES DO MONTE BANZÃO-COLLARES

GAZOZAS LITHINADAS

Deposito geral:

Rua do Arco do Bandeira, 216, 1.º

LISBOA

Methodo Berlitz

LISBOA — R. do Alecrim, 20 A, 1.º e 2.º andar

PORTO — Rua Sá da Bandeira, 259

Duas medalhas de ouro e prata
Exposição Universal de Paris de 1900 Grand Prix—
Exp. de S. Luiz 1904
Exp de Liege

THE BERLITZ SCHOOL OF LANGUAGES
Academia de Linguas Vivas

Ensino pratico por Professores extrangeiros

Professores de S. M. El-Rei D. Affonso XIII
Professores de S. A. o Principe Real da Allemanha
Professores de S. A. o Principe Friedr. Wilh. da Prussia, etc.

ENSINO INDIVIDUAL e em CLASSES GERAES, separadas para HOMENS e SENHORAS

Allemão, inglez, francez, italiano, hespanhol, portuguez

Os cursos da Academia BERLITZ funccionam todos os dias das 8 da manhã ás 10 horas da noite

SÓ NÃO TEM CABELLO NEM BARBA QUEM QUER!!

FAZEMOS NASCER

Cabello aos calvos e barba aos sem ella em 20 a 24 dias

Garante-se que não é nocivo

Remette-se com toda a discrecção

MUITA gente, velha e nova, em todo o mundo, deve-nos a barba bonita e o cabello abundante. Temos levado com o nosso BALSAMO MOOTCY a felicidade a milhares e milhares de pessoas. Um grande imperador recorreu a nós pedindo o nosso auxilio e não recorreu debalde! Homens notaveis e não notaveis, todos nos teem vindo pedir o nosso concurso. Em todos os paizes da Europa e America, em muitos logares d'Africa e d'Australia, é o nosso MOOTCY conhecido e apreciado. Pode-se por isso dizer, com verdade, que goza de fama universal.

O preço para o MOOTCY é de 2$515 réis por porção (uma porção chega perfeitamente). O pedido de duas porções, uma para a barba e outra para o cabello, tem o preço especial de 4$420 réis.

Com cada porção vae um certificado de garantia, pelo qual nos obrigamos a dar outra vez o dinheiro recebido se o remedio não der resultado algum.

Se isto não for verdade pagamos ao comprador.

300$000 réis (trezentos mil réis)

Para prevenção contra as imitações e falsos remedios fazemos notar que todos os pacotes tem escripta a palava MOOTCY.

Envia-se diariamente para todas as partes, mesmo para as mais afastadas, com a explicação clara da maneira de ser usado e com o certificado de garantia, em portuguez, contra pagamento adeantado ou pagamento pelo correio no acto da entrega.

MOOTCY DEPOT. Eichholz, 9. em Hamburgo, 131.

O maior e o mais importante estabelecimento da especialidade na Europa.

Responde-se a todas as perguntas vindo acompanhadas do respectivo porte para a resposta.

A' venda em Lisboa na casa de

FERREIRA & FERREIRA

Rua da Prata, 101